

## Consumo de eletricidade estável em junho

No mês de junho, o consumo nacional de eletricidade na rede registrou estabilidade, assinalando 37.174 GWh. A classe industrial retraiu 3,3% e a comercial 2,9%, enquanto a demanda nas residências cresceu 4,6%. O contexto político-econômico continua trazendo grande dose de incertezas às análises e projeções do consumo de energia elétrica. No primeiro semestre de 2016, a demanda nacional de energia alcançou 231.502 GWh, queda de 1,7% ante igual período de 2015, em decorrência do cenário econômico adverso, redução do poder aquisitivo, desemprego e temperaturas médias mais amenas, o que resultou em forte recuo no consumo industrial (-5,3%), declínio moderado de comércio e serviços (-1,5%) e baixo desempenho da demanda residencial (+1,2%) (ver Box na página 3). ■

### Em junho, consumo residencial manteve crescimento

#### Consumo comercial recuou 2,9% no mesmo período

O consumo **residencial** em junho foi de 10.555 GWh, significando um aumento de 4,6% em relação a igual mês do ano anterior, número este bastante influenciado pelo ciclo maior de faturamento em algumas importantes distribuidoras. Em termos nacionais, retirando-se essa influência, o crescimento seria em torno de 2%.

Esse é o quarto mês consecutivo de variação positiva do consumo residencial, embora as condições econômicas permaneçam desfavoráveis à sua expansão, como sugerem os dados de venda de eletrodomésticos no ano (-16,5% até maio, PMC/IBGE), e a avaliação como inadequado o momento para aquisição de bens duráveis, de acordo com pesquisa da Confederação do Comércio sobre intenção de consumo das famílias (ICF/CNC).

O crescimento do consumo observado nos últimos meses tem sido, principalmente, atribuído à influência da temperatura, e ao afrouxamento das medidas de redução do consumo adotadas pelas famílias nos meses anteriores fruto do choque tarifário ocorrido no ano passado.

No Sul, o frio mais rigoroso em junho fez o consumo no Rio Grande do Sul crescer 9,7%, devido ao maior uso de aquecimento ambiental. Já nos outros estados da região o consumo cresceu de forma mais moderada, em torno de 3%.

No Sudeste (+5%), em especial, o aumento foi influenciado pelo ciclo maior de faturamento em algumas importantes distribuidoras. Expurgando-se este efeito, o crescimento de consumo nesta região seria da ordem de 1%.

Em contraste, apenas na região Centro-Oeste (-0,7%) ocorreu retração no consumo residencial, fato observado em todos os estados da região, à exceção do Distrito Federal (+3,9%).

O consumo **comercial**, depois de crescer nos meses de abril e maio sob influência da temperatura, voltou a apresentar decréscimo neste mês (-2,9%), prevalecendo novamente sobre o resultado da classe o efeito da baixa atividade do setor, como revela o volume de vendas no varejo, que vem registrando sucessivas quedas. Na comparação com igual mês do ano anterior, notam-se as variações de -5,7%, -6,9% e -9,0%, respectivamente, nos meses de março, abril e maio/2016.

A melhora das expectativas do empresariado, conforme apontado pela FGV e CNC, ainda não se traduziu em recuperação do nível de atividade nem em novos investimentos de expansão. Estatísticas do IBGE mostram que, no ano, até maio, o volume de negócios está respectivamente 7,9% e 5,1% abaixo do nível do ano passado para comércio e serviços (PMC; PMS).

Condizente com este quadro, o consumo de eletricidade na classe comercial no Sul (-7,8%) e no Sudeste (-4%) anotou queda em junho, retornando às taxas negativas do início do ano, com consumo reduzido em quase todos os estados.

Nordeste (+3,1%) e Norte (+1,2%) foram as únicas regiões em que se registrou crescimento do consumo comercial, porém o resultado positivo no Norte ocorreu somente em função do ciclo maior de faturamento. ■

Nesta edição:	Pág.
Consumo de eletricidade nas indústrias em junho	2
Demanda de energia no 1º semestre de 2016	3
Estatísticas do consumo de energia elétrica	4

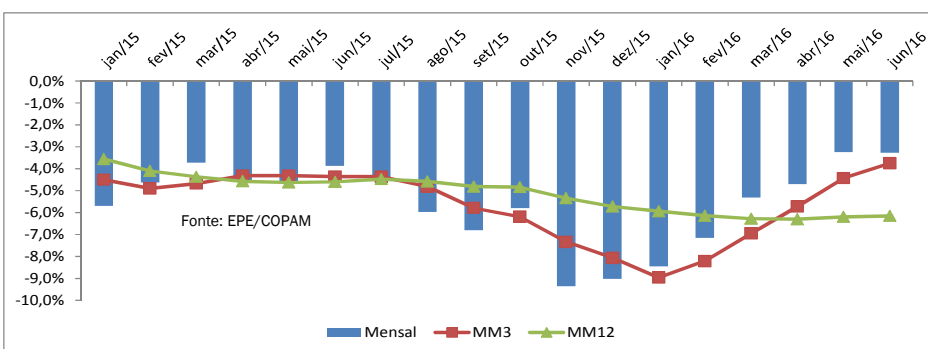
	CONSUMO CATIVO		CONSUMO LIVRE	
	TWh	Δ %	TWh	Δ %
Junho	27,2	-1,2 ▼	9,9	3,8 ▲
12 meses	345,6	-2,3 ▼	114,9	-2,5 ▼

## Classe Industrial cai 3,3% no mês

*Metalurgia, Papel e Celulose e Produtos Alimentícios registraram crescimento em junho*

A demanda de eletricidade nas **indústrias** do país foi de 13.652 GWh em junho, decréscimo de 3,3% frente a 2015. O gráfico abaixo ajuda a entender o cenário de consumo que vem se realizando ao longo do ano: enquanto as taxas anuais de cada mês estão ficando menos negativas, no longo prazo, a série de médias móveis 12 meses vem exibindo sinais de estabilidade, deixando de cair.

**Consumo Industrial Brasil. Séries de taxas 12 Meses: Mensal, Média Móvel 3 Meses e Média Móvel 12 Meses.**



Este panorama do consumo industrial pode ser reflexo do momento de transição pelo qual parece estar passando a economia. Apesar dos indicadores antecedentes estarem anunciando uma possível recuperação, impelidos pela melhora das expectativas, os indicadores econômicos reais vêm apresentando flutuações, deixando transparecer uma conjuntura ainda adversa, mas que continua se ajustando de modo a conter a deterioração agravada desde o ano passado.

Por exemplo, o Indicador de Confiança da Indústria divulgado pelo FGV/IBRE registrou em junho a quarta alta seguida, atingindo o maior patamar

desde fevereiro/2015. Por outro lado, dados da Sondagem Industrial do CNI de junho mostraram uma ociosidade ainda grande na indústria, com UCI em torno de 64%, consequência, entre outros, de uma demanda doméstica bastante deprimida em virtude da queda do poder de compra das famílias, do forte desemprego, do alto endividamento e das condições mais restritivas de crédito.

Dentre os dez setores industriais que mais demandam energia elétrica, o ramo metalúrgico foi o destaque pelo segundo mês consecutivo em junho (+4,4%), seguindo a produção de alumínio primário, que após recuos sucessivos, expressou avanços em maio (+7,0%) e em junho (+6,4%), de acordo com a ABAL.

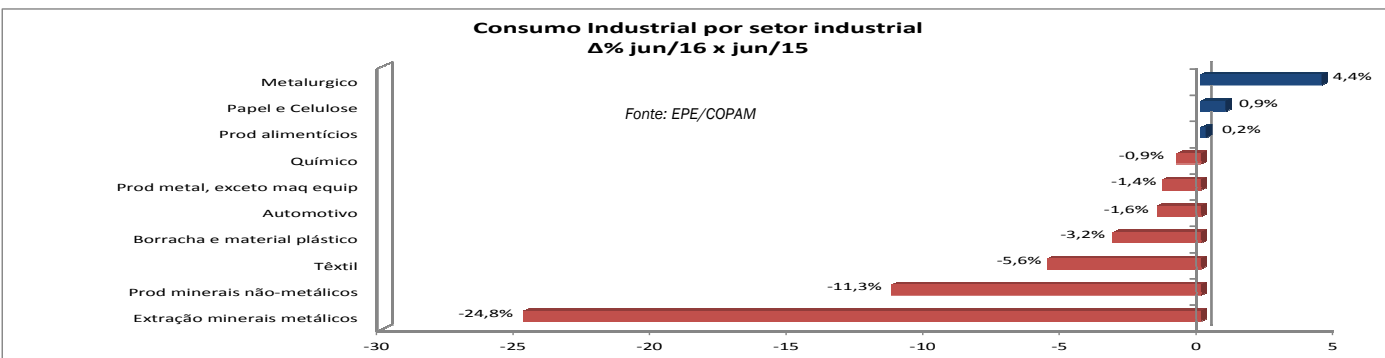
No segmento metalúrgico, a região Sudeste (+9,4%) se sobressaiu no mês pela evolução no consumo de Minas Gerais (+38,6%), em razão da produção de ferroligas e da metalurgia de metais não-ferrosos. No Espírito Santo (+252,5%), o aumento da demanda de eletricidade em junho se deu em planta siderúrgica que

produz para exportação, em linha com o avanço de 116,5% na fabricação de laminados e de semiacabados para vendas anotado pelo IABr no estado capixaba no mês. Contribuiu para esta taxa elevada a base baixa de consumo em junho/2015. A região Norte assinalou progresso de +1,0% em junho, com destaque para o Pará (+1,1%), em função da metalurgia de metais não-ferrosos e das ferroligas, e pelo crescimento do Maranhão (+6,3%), devido à produção de gusa e da siderurgia associada. Já no Centro-Oeste (+42,8%), o crescimento de Goiás (+47,5%), único da região, está associado às ferroligas.

Outro ramo que progrediu em junho (+0,9%) foi o de Papel e Celulose. No mês, o consumo subiu puxado pela produção de papel no Paraná (+13,2%) e pelo avanço de São Paulo (+6,7%), em grande parte pelo aumento do consumo da rede de cliente que normalmente faz uso de autoprodução para produzir celulose para exportação.

Por sua vez, a Produção de Produtos de Metal exceto Máquinas e Equipamentos continuou apontando retração em junho (-1,4%), embora menor que a dos meses anteriores. Este resultado pode ser atribuído, principalmente, à redução na fabricação de embalagens e ferramentas metálicas, produtos trefilados, serviços de usinagem e solda em São Paulo (-5,3%), estado onde se registra o maior consumo do segmento. ■

**Consumo Industrial por setor industrial**  
Δ% jun/16 x jun/15



# CONSUMO DE ENERGIA RECUOU 1,7% NO 1º SEMESTRE

## :: INDUSTRIAL

O consumo industrial de eletricidade fechou o semestre em 80.992 GWh, retração de 5,3% em relação ao mesmo período do ano anterior.

O cenário econômico do 1º semestre deste ano foi mais desfavorável que o da mesma época de 2015, principalmente na comparação entre 1º trimestres. No ano passado, o horizonte de dificuldades se agravou no 2º semestre e foi se tornando menos negativo no decorrer do 1º semestre deste ano. Esta evolução do consumo industrial está ilustrada na tabela abaixo.

### Brasil: Taxas trimestrais e semestrais da indústria em 2015 e 2016.

(Fonte: EPE/COPAM)

		2015			2016		
Brasil		I TRI	II TRI	I SEM	III TRI	IV TRI	II SEM
			-4,7%	-4,4%	-4,5%	-5,8%	-8,1%
		-6,9%	-3,7%	-5,3%			

A conjuntura de mercado interno debilitado, ociosidade do parque produtivo e redução dos investimentos se manteve no 1º semestre de 2016 e, por isso, a indústria continuou realizando ajustes na quantidade de mão-de-obra e na capacidade instalada para se adequar à demanda existente. Dados do CAGED de junho mostraram uma redução de 139.927 empregos formais na indústria de transformação neste 1º semestre.

Por outro lado, a retração da economia doméstica acabou reduzindo as compras externas e incentivando alguns setores da indústria a se voltar mais para o mercado externo, beneficiados por um câmbio mais desvalorizado que o do 1º semestre de 2015. Segundo o MDIC, a balança comercial brasileira fechou o primeiro semestre de 2016 com superávit de US\$ 23,6 bilhões, melhor resultado para este período desde 1989, resultado do progresso em 9,8% do quantum exportado e pelo decréscimo em 20,1% do quantum importado.

A tabela apresenta o desempenho da

demanda de energia elétrica dos 10 principais ramos da indústria no 1º semestre de 2016.

Crescimento	Δ % 1º sem/2016 (*)	Participação (%)	
		1º sem/2015	1º sem/2016
<b>Crescimento</b>	▲		
Prod alimentícios	1,3	11,9%	12,7%
Papel e celulose	0,4	4,9%	5,2%
<b>Queda</b>	▼		
Químico	-0,8	10,6%	11,1%
Metalúrgico	-1,6	22,2%	23,1%
Borracha e material plástico	-7,0	5,5%	5,4%
Automotivo	-7,2	3,8%	3,8%
Prod metal, exceto maq equip	-7,9	2,7%	2,6%
Prod minerais não-metálicos	-10,9	8,5%	8,0%
Têxtil	-11,3	3,8%	3,6%
Extração minerais metálicos	-20,3	7,8%	6,6%

(\*) ante 1º sem/2015

Fonte: EPE/COPAM

As estatísticas de consumo do segmento alimentício sinalizaram avanço de 1,3% neste semestre, principalmente na região Sul (+3,2%). Entre os crescimentos mais relevantes, estão o do Paraná (+6,4%), sustentado pelo abate de aves e suínos, pela produção de ração para animais e pela moagem e fabricação de produtos de origem vegetal. O setor de alimentos registrou o segundo maior aumento de participação na demanda industrial de energia elétrica do país (+0,8 p.p.).

Por sua vez, o recuo de 10,9% na fabricação de produtos de minerais não-metálicos no 1º semestre deste ano está associado ao contexto adverso da construção civil, que envolve demanda interna enfraquecida, ajustes nas condições de crédito, declínio de lançamentos e vendas de imóveis residenciais e comerciais (para a redução dos estoques existentes), além de uma

diminuição no ritmo de atividade no setor de infraestrutura. Este resultado está de acordo com a queda de 14,0% nas vendas de cimento no acumulado do ano divulgada pelo SNIC (Sindicato Nacional da Indústria de Cimento) em junho.

## :: RESIDENCIAL E COMERCIAL

O consumo residencial encerrou o semestre com crescimento de 1,2%, distribuído em -2,5% no primeiro trimestre e 5,3% no segundo trimestre.

O resultado positivo no último trimestre, devido principalmente à temperatura, interrompeu uma sequência de taxas negativas, iniciada exatamente no segundo trimestre de 2015, que refletiam o efeito do choque tarifário agravado pela deterioração do mercado de trabalho.

Nesse período, o consumo médio mensal nas residências teve forte retração, caiu de 165 kWh/mês em junho de 2015 para 160 kWh/mês atualmente (considerando o período de 12 meses na média), movimento, contudo, revertido no último trimestre.

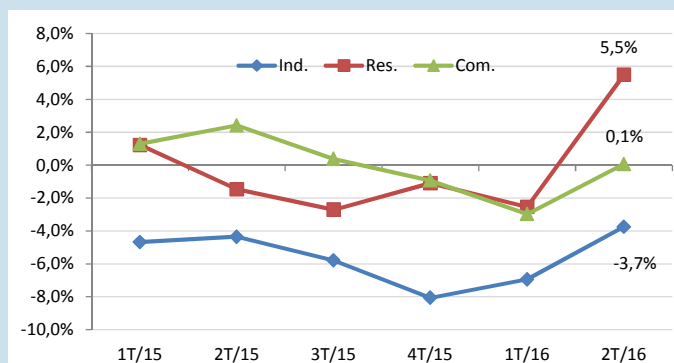
De outro lado, o número de unidades consumidoras cresceu 2,4% sobre junho de 2015, contribuindo para incrementar o consumo na classe residencial.

No semestre, o consumo comercial acumula queda de 1,5%, em linha com o quadro econômico.

No segundo trimestre, o consumo de eletricidade nos estabelecimentos comerciais teve crescimento de 0,9%. No entanto, foi a temperatura o fator que mais contribuiu para esse

resultado, mais do que a atividade do setor, que ainda se mostra desaquecida. Observando-se que, no primeiro trimestre, o consumo comercial apresentou queda de 3%. ■

Brasil: taxas trimestrais, por classe. (Fonte: EPE/COPAM)



# ESTATÍSTICAS DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA NA REDE (GWh)

REGIÃO/CLASSE	EM JUNHO			ATÉ JUNHO			12 MESES		
	2016	2015	%	2016	2015	%	2016	2015	%
<b>BRASIL</b>	<b>37.174</b>	<b>37.131</b>	<b>0,1</b>	<b>231.502</b>	<b>235.499</b>	<b>-1,7</b>	<b>460.548</b>	<b>471.700</b>	<b>-2,4</b>
RESIDENCIAL	10.555	10.095	4,6	67.729	66.901	1,2	131.856	132.258	-0,3
INDUSTRIAL	13.652	14.115	-3,3	80.992	85.563	-5,3	164.288	175.058	-6,2
COMERCIAL	6.839	7.047	-2,9	45.580	46.279	-1,5	89.832	90.673	-0,9
OUTROS	6.128	5.874	4,3	37.201	36.756	1,2	74.572	73.711	1,2
<b>CONSUMO TOTAL POR SUBSISTEMA</b>									
SISTEMAS ISOLADOS	232	227	2,3	1.435	1.836	-21,9	3.032	3.813	-20,5
NORTE	2.744	2.681	2,3	16.480	16.026	2,8	34.037	33.161	2,6
NORDESTE	5.985	5.953	0,6	36.402	36.883	-1,3	72.452	73.305	-1,2
SUDESTE/C.OESTE	21.620	21.707	-0,4	135.253	138.027	-2,0	269.810	276.940	-2,6
SUL	6.593	6.563	0,5	41.932	42.727	-1,9	81.217	84.481	-3,9
<b>REGIÕES GEOGRÁFICAS</b>									
<b>NORTE</b>	<b>2.692</b>	<b>2.667</b>	<b>0,9</b>	<b>16.342</b>	<b>15.904</b>	<b>2,8</b>	<b>33.963</b>	<b>32.625</b>	<b>4,1</b>
RESIDENCIAL	729	695	4,9	4.419	4.135	6,9	9.358	8.602	8,8
INDUSTRIAL	1.200	1.217	-1,4	7.372	7.301	1,0	14.957	14.804	1,0
COMERCIAL	394	390	1,2	2.375	2.350	1,0	5.083	4.837	5,1
OUTROS	369	365	0,9	2.176	2.119	2,7	4.565	4.382	4,2
<b>NORDESTE</b>	<b>6.550</b>	<b>6.486</b>	<b>1,0</b>	<b>39.709</b>	<b>40.540</b>	<b>-2,0</b>	<b>79.155</b>	<b>81.176</b>	<b>-2,5</b>
RESIDENCIAL	2.219	2.121	4,6	13.582	13.328	1,9	26.372	26.007	1,4
INDUSTRIAL	1.864	2.020	-7,7	11.395	12.740	-10,6	23.266	26.287	-11,5
COMERCIAL	1.170	1.135	3,1	7.182	7.087	1,3	14.194	13.917	2,0
OUTROS	1.297	1.210	7,2	7.549	7.385	2,2	15.324	14.965	2,4
<b>SUDESTE</b>	<b>18.531</b>	<b>18.623</b>	<b>-0,5</b>	<b>116.263</b>	<b>119.399</b>	<b>-2,6</b>	<b>231.026</b>	<b>238.849</b>	<b>-3,3</b>
RESIDENCIAL	5.079	4.835	5,0	33.343	33.373	-0,1	64.589	65.838	-1,9
INDUSTRIAL	7.270	7.540	-3,6	42.801	45.572	-6,1	86.910	92.763	-6,3
COMERCIAL	3.624	3.777	-4,0	24.586	25.170	-2,3	48.286	49.100	-1,7
OUTROS	2.558	2.471	3,5	15.533	15.284	1,6	31.241	31.148	0,3
<b>SUL</b>	<b>6.593</b>	<b>6.563</b>	<b>0,5</b>	<b>41.932</b>	<b>42.727</b>	<b>-1,9</b>	<b>81.217</b>	<b>84.481</b>	<b>-3,9</b>
RESIDENCIAL	1.683	1.594	5,6	10.830	10.740	0,8	20.443	21.049	-2,9
INDUSTRIAL	2.587	2.633	-1,8	15.093	15.741	-4,1	30.431	32.282	-5,7
COMERCIAL	1.083	1.174	-7,8	7.783	8.044	-3,2	14.898	15.523	-4,0
OUTROS	1.240	1.163	6,7	8.225	8.202	0,3	15.445	15.627	-1,2
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>2.808</b>	<b>2.792</b>	<b>0,6</b>	<b>17.256</b>	<b>16.929</b>	<b>1,9</b>	<b>35.186</b>	<b>34.568</b>	<b>1,8</b>
RESIDENCIAL	844	850	-0,7	5.555	5.325	4,3	11.095	10.762	3,1
INDUSTRIAL	732	706	3,7	4.330	4.209	2,9	8.723	8.922	-2,2
COMERCIAL	568	571	-0,5	3.653	3.628	0,7	7.371	7.296	1,0
OUTROS	664	664	-0,1	3.717	3.767	-1,3	7.997	7.588	5,4

Fonte: Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica - COPAM/EPE.

Dados preliminares

A EPE se exime de quaisquer responsabilidades sobre decisões ou deliberações tomadas com base no uso das informações contidas nesta Resenha, assim como pelo uso indevido dessas informações.



**Presidente**  
Luiz Augusto Nóbrega Barroso

**Diretor de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais**  
Ricardo Gorini de Oliveira

**Diretor de Energia Elétrica**  
Amílcar Guerreiro

**Diretor de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis**  
Gelson Baptista Serva

**Diretor de Gestão Corporativa**  
Ávaro Henrique Matias Pereira



# RESENHA

Mensal do Mercado de Energia Elétrica

**Coordenação Geral**  
Ricardo Gorini de Oliveira

**Coordenação Executiva**  
Jeferson B. Soares

**Comunicação e Imprensa**  
Denise Maria Luna de Oliveira

**Equipe Técnica**  
Carla C. Lopes Achão  
(coord. técnica)

*Camila de Araújo Ferraz (economia)*

*João M. Schneider de Mello (economia)*

*Simone Saviolo Rocha*

*Thiago Toneli Chagas*